

HISTORIOGRAFIA GREGA: TUCÍDIDES E A GUERRA DO PELOPONESO *

Carla Gastaud**

RESUMO: Este artigo trata do processo de escritura tucídideana, sua concepção de história, os recursos metodológicos utilizados e os princípios que norteiam a narrativa que faz de um acontecimento contemporâneo a ele: a Guerra do Peloponeso. Com base em diversos autores e no próprio Tucídides aborda-se as formas de investigação utilizadas que apresentam parentesco metodológico com as práticas investigativas empíricas e racionalistas próprias da medicina e da prática forense.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Grega – Tucídides – Guerra do Peloponeso.

Tucídides e seu tempo: A importância da obra no contexto cultural

Tucídides, historiador grego do século V a.C., escreveu a história da guerra do Peloponeso, preservando a memória dos acontecimentos da guerra entre peloponésios e atenienses, que aconteceu durante seu tempo de vida e cuja magnitude, segundo ele, superava qualquer guerra até então ocorrida.

A Atenas do século V, tempo e lugar de Tucídides, tem sido objeto recorrente de estudo por suas características peculiares e por tudo que apresentou de inovador e único. Tucídides escreveu sua obra em franca solidariedade com o ambiente histórico que o produziu e este ambiente, Atenas do século V, é marcado pela crescente curiosidade científica relacionada diretamente à procura por uma inteligência racional do mundo.

Incrustada neste meio favorável ao cientificismo, a história de Tucídides tem um claro parentesco metodológico e semântico com formas coevas de investigação empírica e racionalista, tais como a medicina e a investigação forense; além disso, o universo de Tucídides é o universo da filosofia, da sofística, da política e da tragédia.

Impossível esquecer que se trata de uma época de maturidade filosófica e artística da cultura grega, quando as reflexões e doutrinas filosóficas, ainda que antes de Platão e Aristóteles, já ofereciam um apreciável e variado acervo de concepções ontológicas, éticas e políticas. Além da presença sempre marcante da poesia épica, de Homero e Hesíodo, acrescentavam-se os aportes da tradição poética lírica, da assim chamada filosofia pré-socrática, propagando-se ainda com crescente intensidade as idéias da filosofia sofística clássica, com seu antropocentrismo e projetos cientificistas. As novas doutrinas retomavam e punham em cheque as tradições históricas, filosóficas e jurídicas gregas, apresentando novas alternativas culturais e políticas. Era, portanto, grande a efervescência cultural sob o impacto das lições dos vários mestres sofistas presentes na cidade de Atenas, como Górgias, que lá chegou em 427 a.C., e também Protágoras, Hípias e Antífon, entre muitos outros, sem esquecer o velho mestre de Péricles, Anaxágoras, presente em Atenas desde aproximadamente 461 a.C. (MARSHALL, 1996: 219)

A obra de Tucídides, a “Guerra do Peloponeso”, coroa a segunda metade do século V: “Tucídides, de Atenas, escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas.”¹

* Este artigo é parte de dissertação de mestrado defendida junto ao PPG em História da UFRGS.

** Coordenadora do Serviço de Preservação da Memória Cultural da SeCult/Pelotas. Professora substituta do Departamento de História e Antropologia/UFPel. Mestre em História pela UFRGS.

¹ TUCÍDIDES, I, 1,1. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado, a qual será a referência para as citações de Tucídides pertencentes ao Livro I, por reconhecidos méritos e fidelidade ao texto original. As citações de Tucídides referentes aos demais livros da Guerra do Peloponeso serão feitas a partir da tradução de Mario da Gama Kuri.

A escolha do objeto: o critério axiológico

Tucídides criticou Heródoto em vários aspectos, mas, tal como o historiador de Halicarnasso, não pôde deixar de reproduzir certos princípios fundamentais de constituição discursiva, a começar pelo que se refere à opção pelo objeto de sua obra: da mesma forma que Heródoto, que escreveu a história da guerra contra os persas, Tucídides escreveu a guerra entre peloponésios e atenienses. Ambos têm, como indica Momigliano², um predecessor ilustre em Homero que, por sua vez, contou a Guerra de Tróia tanto na *Iliada* como na *Odisseia*.

A guerra é, por excelência, o tema da *épica*³ e depois de Heródoto e Tucídides estará se constituindo também como tema da história. Xenofonte, Políbio, César, Tito Lívio e Salústio escreverão sobre guerras e revoluções que, segundo Momigliano, não distinguem com facilidade.⁴

Para justificar a grandeza e a relevância do objeto investigado e narrado, Tucídides alinha argumentos demonstrativos de sua excepcionalidade: nunca tantos estiveram envolvidos, nunca um tal volume de recursos — exércitos, homens, naus — esteve disponível em uma guerra.

A estes critérios de grandeza, Tucídides soma, no final do proêmio, aspectos comprovadores da efetividade ruínosa sem precedentes da guerra entre peloponésios e atenienses: nunca tantas cidades tomadas ou despovoadas, nunca tantos exílios e massacres. Adicionando um agravante aos males da guerra que “comportou no seu decorrer sofrimentos para a Hélade como não houve outros em tempo igual”⁵, aconteceram os terremotos mais violentos, os eclipses mais freqüentes, grandes secas e o flagelo da peste. “De fato, todas essas coisas se deflagraram conjuntamente no decorrer desta guerra.”⁶

Conforme Murari Pires,⁷ desde o proêmio Tucídides se coloca ao lado do *Épos*, não só na escolha do objeto, mas também ao reafirmar o mérito e a relevância do evento que propõe contar, a guerra entre peloponésios e atenienses, que seria “grande e mais digna de relato do que os precedentes” e mais, “esta comoção seria a maior já ocorrida para os helenos e para uma parcela dos bárbaros, podendo-se mesmo dizer para a maioria da humanidade.” Esta ênfase na magnitude da guerra se justifica por ser fundamentadora da eleição deste tema, uma vez que sua grandeza reclama o mérito da narração.

No Proêmio da História, afirma Murari Pires, Tucídides, “reiterando as convenções originariamente impostas pelo *Épos* homérico, reafirma o princípio axiológico que determina a eleição do episódio historiado dada sua grandeza trágica.” (1995: 12)

A relevância trágica enquanto princípio seletivo do tema contemplado na narrativa é evidenciada pela proclamação que Tucídides faz no proêmio do aspecto ruínoso associado à guerra que narra, na qual se somam males, desastres naturais e sofrimentos causados pelos homens em guerra, ampliando o aspecto lutuoso pelas muitas mortes ocorridas.

Murari Pires estrutura um sistema de princípios de leitura e assume como pressuposto básico a perpetuação reiterativa de princípios ordenadores do discurso relacionando a *épica* e expressões posteriores, especialmente a historiografia; as simetrias formais entre os discursos não decorrem meramente de opções estilísticas dos autores, mas sim de um fundamento epistemológico compartilhado.

Oriundos da *Epopéia*, os princípios constitutivos da narrativa podem ser identificados no Proêmio tucidideano onde aparecem em sua plenitude, são eles: o princípio onomasiológico (a questão do sujeito), o princípio axiológico (a questão da grandeza), o princípio metodológico (a questão da verdade), o princípio arqueológico (a questão do início), o princípio etiológico (a questão da causa) e o princípio teleológico (a questão da utilidade).⁸

² MOMIGLIANO, *Ensayos de Historiografía Antigua e Moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 143.

³ “*Épos* e guerra, associação imediata”, diz Murari Pires, *Mito e História – Homero, Tucídides e os princípios da narrativa*, tese inédita de livre-docência, São Paulo, USP, 1995, p. 7.

⁴ MOMIGLIANO, op. cit., p. 144.

⁵ TUCÍDIDES, I, 23.

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ PIRES, Francisco Murari. *Mito e História — Homero, Tucídides e os princípios da narrativa*, tese inédita de livre-docência, São Paulo, USP, 1995 p. 7.

⁸ PIRES, op.cit. pp. 5-21.

Acatar estes princípios de leitura implica não apenas conhecer os fundamentos epistemológicos do discurso de Tucídides, a partir de um marco que supera a propaganda metodológica do próprio autor, mas também destacar elementos estruturadores favoráveis à identificação deste discurso historiográfico às poderosas tradições provindas da cultura épica e ainda atuantes em pleno século V a.C..

Tucídides escreveu

Tucídides é contaminado por estruturas tradicionais de narrativa especialmente procedentes da poesia épica na constituição de seu objeto, a começar pelo tema, a guerra, e uma guerra cuja grandeza é evidentemente merecedora da dignidade discursiva; e pela presença cognitiva, exigida por Tucídides⁹ porque fiadora da verdade do relato.

O estabelecimento de uma narrativa dos acontecimentos que prime pelo saber verdadeiro condiciona-se à presença, isto é, a presença é condição de possibilidade cognitiva dos acontecimentos,

assim, reiteradamente o historiador assinala ao longo de seu percurso inquiritivo, as fontes de derivação informativa com que ancora as realidades de seu relato na condição da presença cognitiva, bem declarando ou que ele mesmo as viu, ou que reproduz exatamente o que contam outros que viram. (PIRES, 1995: 15/6)

Na épica, as Musas sempre presentes garantem a verdade do relato.

Sendo impossível a presença no que se refere à temporalidade remota, que denomina como os "acontecimentos mais antigos ainda, dado o recuo no tempo"¹⁰, Tucídides, no segmento inicial de sua obra, que tradicionalmente se chama de "arqueologia", faz uso da analogia e deduz, com o que considera um razoável grau de acurácia, a história do passado.

No que se refere à história sua contemporânea, Tucídides a investiga e é através de indícios que ele escreve a "Guerra do Peloponeso". Escreve a Guerra do Peloponeso e não a História da Guerra do Peloponeso: note-se que no enunciado tucidideano há a intenção de escrever a verdade dos eventos da guerra que se desenrola diante de seus olhos e da qual ele participa, havendo uma analogia entre a palavra e o fato, o que nos permite perceber que a objetividade aqui não é um problema, mas é antes um suposto absoluto.

Diferentemente da poesia que inicia pela invocação da Musa, Tucídides, como Heródoto e Hecateu antes dele, instaura-se desde o princípio da narrativa como sujeito de seu relato, responsável pelo que ali apresenta como a verdade dos acontecimentos que foram cuidadosamente por ele investigados.

Hartog¹¹ destaca a diferença que existe entre os parágrafos introdutórios de Heródoto e Tucídides, a "*rapprocher les deux ouvertures, on voit que l'exposition hérodotéenne est remplacée par l'écriture thucididéenne*": enquanto Heródoto apresenta/expõe (*apodexis*) o resultado de suas investigações, Tucídides escreve (*sunégrapsee*) a guerra entre peloponésios e atenienses. O termo empregado por Heródoto pertence ao mundo da oralidade, o termo utilizado por Tucídides o instala, *au debut*, no mundo da escritura.

A escrita tem um papel assegurador da objetividade na época de Tucídides, a escrita em prosa constitui, em relação à tradição oral e às criações poéticas, não só uma nova forma de expressão mas uma nova forma de pensamento, onde o *logos* se impõe como valor de racionalidade demonstrativa, "a organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, a um ordenamento mais estrito para a matéria conceitual." (VERNANT, 1992: 173)

A obra escrita obedece a outras regras que não as da composição oral. A palavra falada deve atender à expectativa do público, a escritura não enfrenta a limitação de ter que agradar imediatamente a platéia. A escrita torna a língua um artefato visível, passível de

⁹ TUCÍDIDES, I, 20-22.

¹⁰ TUCÍDIDES, I, 1, 2.

¹¹ HARTOG, François. *Le Miroir d'Hérodote*. Paris: Éditions Gallimard, 1980, pp. 284/5 e pp. 294/6.

preservação sem recurso à memória, e que, de acordo com E. Havelock¹², pode ser recomposto, reordenado e repensado, favorecendo a reflexão.

O público também é afetado pelas transformações decorrentes da escritura, Vernant diz que a leitura pressupõe uma atitude mais distanciada e exigente da parte do público e que os gregos tinham consciência disso, “à sedução que a palavra deve provocar para manter o auditório sob o encanto, eles contrapuseram, freqüentemente dando-lhe preferência, a seriedade um pouco mais austera mas mais rigorosa do escrito”. (VERNANT, 1992: 174) contrapuseram não somente a seriedade à sedução, mas também a utilidade ao prazer. Vernant também diz que a qualidade de útil pode ser obtida por um texto “que se pode conservar sob os olhos e que contém em si um ensinamento cujo valor é durável.”¹³

Contrapor a utilidade ao prazer é exatamente o que propõe Tucídides, quando escreve que sua obra por não privilegiar o fabuloso pode não agradar ao público

e para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar o que há de claro nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado o seu caráter humano, virão a ser semelhantes ou análogos, virem sua utilidade, será o bastante. Constituem mais uma aquisição para sempre que uma peça para um auditório do momento. (TUCÍDIDES, I: 22)

O caráter de permanência conferido pela escrita, em oposição à condição efêmera inerente à palavra dita, é inseparável da idéia de uma aquisição para sempre, não fosse por outra coisa, porque escrita, a obra pode se tornar um volume na prateleira de alguém.¹⁴

Para Hartog¹⁵ a “aquisição para sempre”, o *ktema eis aiei*,¹⁶ só pode ser compreendida plenamente no contexto da escritura: “*la parole passe*”, é circunstancial e não pode desagradar ao público, a escrita supera tanto a fugacidade do falado como as limitações impostas pela audiência.

A existência da escrita favorece especialmente a pretensão de perenidade de Tucídides por assegurar um suporte da memória indiferente do favor imediato da platéia ou do sucesso do espetáculo. Além disso, deve-se considerar que a intencionalidade evidente do autor indica que a permanência de sua obra decorreria antes da efetiva grandeza e validade da prudência histórica ali apresentada, de um certo tipo de validade universal do conhecimento, embora isto não impeça de considerar que sem o recurso da escrita um discurso aparentemente indiferente ao estilo e à beleza não teria como subsistir.

A contemporaneidade do objeto

Moses I. Finley¹⁷ escreve que a guerra do Peloponeso é diferente das outras guerras da antigüidade porque sua fama não é construída pelo mito e pelo romance, ao contrário, esta guerra, travada entre Atenas e Esparta de 431 a 404, perdura na história devido ao homem que a descreveu, Tucídides o ateniense. Assim como a Guerra de Tróia permanece associada ao nome de Homero, a Guerra do Peloponeso depende inteiramente de Tucídides, neste sentido autor da guerra enquanto tema da memória, na situação precisa em que o tema histórico constitui-se como o produto de seu relator.

O objeto que Tucídides escolhe trabalhar é passível de ser relatado com veracidade e precisão porque, contemporâneo ao autor, torna a investigação possível e independente, portanto, da existência de uma tradição sobre o passado.

Sobre isto, Momigliano¹⁸ diz que a inegável facilidade de acesso às fontes da história contemporânea não pode ser considerada a razão principal da escolha de temas

¹² HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia Antiga*, São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996, p. 16.

¹³ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992, p. 174.

¹⁴ HAVELOCK, op.cit., p. 144.

¹⁵ HARTOG, op.cit. p. 294.

¹⁶ TUCÍDIDES, I, 22, 4.

¹⁷ FINLEY, M.I. *Aspectos da Antigüidade*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 55.

¹⁸ MOMIGLIANO, op.cit. p. 141.

contemporâneos pelos historiadores da antiguidade, haja visto que os gregos do século V dispunham de instrumentos de análise que permitiam obter dados seguros sobre o passado (e cita Tucídides como exemplo¹⁹). A importância do evento contemporâneo é que faz com que os temas de eleição dos historiadores clássicos sejam principalmente contemporâneos ou quase contemporâneos. É claro que é mais fácil e seguro trabalhar temas sobre os quais pode-se confrontar testemunhos e cruzar informações e os leitores educados poderiam valorizar a alegada confiabilidade das fontes contemporâneas de que se jactavam os historiadores.

Diz o autor ainda que fazer uma história contemporânea, ou quase, como no caso de Heródoto que relatou a Guerra Pérsica acontecida na geração anterior a sua, é um dado comum a todos os historiadores clássicos. Acrescenta que a questão da confiabilidade do testemunho referente ao passado não deve ter sido o fator determinante, era a importância dos acontecimentos contemporâneos que determinava a escolha do tema e a posição privilegiada atribuída aos historiadores que se ocupavam principalmente de acontecimentos contemporâneos.

As estruturas da narrativa

Tucídides é conhecido pelo ceticismo, pela sobriedade, pela intolerância para com seus predecessores, a seu ver demasiado preocupados com o público. É conhecido também, pela dureza de sua escritura, como um autor difícil de ler. Por demais austero, se poderia mesmo dizer “*demasiado áspero*” para o público de nosso tempo, como dizia J.G. Droysen²⁰ no século XIX.

Tucídides pode parecer não só demasiado áspero para o nosso tempo como também para sua própria cultura, ele mesmo adverte não estar preocupado em embelezar sua história para agradar o público mas em recolher e relatar com veracidade²¹ a guerra que aconteceu entre os helenos e foi a maior até então ocorrida.²²

O projeto de Tucídides é o projeto de uma historiografia criteriosa, científica, rigorosa. Tucídides é uma promessa de método, revela um contexto cultural em que esta promessa de método é intensamente valorizada, e deste modo distingue antes um gênero discursivo do que um método efetivamente conseqüente, contínuo, aplicado. Deve-se portanto ter o cuidado de não confundir a intenção de Tucídides com o que ele efetivamente realiza.

Tucídides, hoje, é valorizado como referência de tradições essenciais do pensamento historiográfico, matriz de um tipo de análise. Falando rigorosamente, ele faz uma tentativa de método na qual também intervêm fatores subjetivos, como na relação dele com Heródoto, por exemplo, entre muitas outras modulações interpretativas continentais de opinião pessoal, explícita ou, mais freqüentemente, implícita.

Tucídides ouviu Heródoto, especula-se²³, quando criança e teria se impressionado com o que viu e ouviu. Entretanto, Tucídides jamais o cita expressamente e não usa uma única vez a palavra *historein* (investigar), termo largamente utilizado por Heródoto, possivelmente com o objetivo de evitar qualquer associação com seu famoso predecessor.

Tucídides nunca indica o caminho investigativo que tomou para chegar a uma informação. Um bom historiador, diz, não acolhe todas as tradições que lhe relatam, deve saber verificá-las.²⁴

Sobre esse ponto muitas vezes crítico, e modernamente inadmissível, Paul Veyne²⁵ diz que o historiador não colocará “*todo este estendal diante dos olhos dos leitores.*” Quanto mais

¹⁹ Idem ibidem, p. 142. “Desde el comienzo de la historiografía griega — han existido métodos para obtener información correcta sobre el pasado remoto. Estos métodos eran críticos en el sentido de que el usuario, tras reflexión y estudio, estaba satisfecho de su confiabilidad. Tucídides utilizó pruebas arqueológicas y epigráficas y poesía antigua para sacar conclusiones sobre el estado de la sociedad en la Grecia antigua y sobre acontecimientos concretos de lo pasado”

²⁰ DROYSEN, Johan Gustav. *Historia — Lecciones sobre la Enciclopedia y metodología de la historia*. Barcelona: Editorial Alfa, 1983, p. 355.

²¹ TUCÍDIDES, I, 22.

²² TUCÍDIDES, I, 21, 2.

²³ HARTOG, op.cit., p. 284;

PROCTOR, Dennis. *The experience of Thucydides*. Westminster: Aris & Phillips, 1980, p. 37.

²⁴ TUCÍDIDES I, 20-22.

²⁵ VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987.

exigente o autor for consigo mesmo, menos do processo de composição de sua narrativa ficará a mostra,

Heródoto compraz-se em relatar as diferentes tradições contraditórias que conseguiu recolher, Tucídides, esse, quase nunca o faz: relata apenas as que considera boas; assume suas responsabilidades. Quando afirma categoricamente que os atenienses estão enganados no que se refere ao assassinio de Pisístrato e fornece a versão que considera verdadeira, limita-se a afirmar; não fornece nenhum começo de prova. (VEYNE, 1987: 23)

Tucídides não faz aflorar a origem e a dialética de suas fontes informativas nem os procedimentos pelos quais estabeleceu os acontecimentos que narra, ao contrário, o historiador se oculta – oblitera sua heurística e não expõe as regras de sua crítica – só revela que almejou a *akribéia* (precisão). É possível, que este silenciamento metodológico seja um recurso retórico, similar ao encontrado no Discurso Fúnebre de Péricles, que vise a ressaltar o mérito do historiador advertindo antecipadamente das aporias e dificuldades que pesam sobre o relato e que, ao final, percebe-se que muito pouco aparecem.²⁶

Afirmou-se aqui que Tucídides é uma promessa de método, na verdade, Tucídides indica os procedimentos que utiliza mas nunca indica as fontes nem descreve como escrutinou as evidências, embora exemplifique autoritativamente o que deseja afirmar no caso do assassinato de Hiparco. Na via oposta, Heródoto, que não tem o discurso do método de Tucídides, expõe constantemente sua trajetória: ouvi “em conversas com esses sacerdotes de Hefaiostos”²⁷, “essa é a versão dos lídios”²⁸, “a propósito desses costumes posso falar com certeza porque os conheço”²⁹, “dizem os tauros”³⁰, habitantes do local disseram que, ou ainda, “sei que as coisas se passaram assim pois ouvi o relato dos próprios délfios”³¹.

Paradoxalmente, é Heródoto quem leva a pecha de “fabuloso”, e tem a fama de ser pouco criterioso na narrativa, não selecionando suas fontes ou os fatos que relata, transmitindo tudo de pitoresco que ouve e escrevendo versões pouco prováveis de histórias em que nem mesmo ele acredita.

Há consenso entre os críticos³² de que é Heródoto o sujeito dos comentários de Tucídides relativos à ausência do fabuloso na própria narrativa, criticando indiretamente a presença do *mithodes* (mítico, fictício) na obra de Heródoto, e a preocupação em entreter sua platéia:

*para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar o que há de claro nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado seu caráter humano, virão a ser semelhantes ou análogos, virem sua utilidade será o bastante. Constituem mais uma aquisição para sempre que uma peça para um auditório do momento.*³³

Referência sugestiva mas indireta, porque não há uma única referência explícita a Heródoto na obra tucidideana, mesmo quando é evidente a relação entre o comentário tucidideano e a passagem de Heródoto que o originou. Por exemplo, ao criticar a habitual incúria dos homens no escrutínio da verdade, Tucídides oferece como exemplo da inclinação dos homens para crer na versão corrente de determinado evento o fato de os helenos acreditarem que os reis de Esparta dispunham de dois votos e não de um e, acreditarem também, que há entre os espartanos um Batalhão de Pitane que nunca existiu³⁴. Ambos os exemplos são respostas a Heródoto que oferece as informações, errôneas segundo Tucídides,

²⁶ PIRES, Francisco Murari. A Retórica do Método, disponível em rede, na página do Centro Virtual de Estudos Históricos/USP: <http://www.ceveh.com.br/artigos.htm>.

²⁷ HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988. II, 3.

²⁸ HERÓDOTO, I, 87.

²⁹ HERÓDOTO, I, 140.

³⁰ HERÓDOTO, IV, 103.

³¹ HERÓDOTO, I, 20.

³² GOMME, A Historical Commentary on Thucydides, vol I, Oxford: Clarendon Press, 1941, p. 137; HARTOG, op. cit., p. 15; ALMEIDA PRADO, op.cit., p. 107.

³³ TUCÍDIDES, I, 22.

³⁴ TUCÍDIDES, I, 20.

de que dois votos são prerrogativa real em Esparta e descreve manobras de guerra em que toma parte o “Batalhão de Pitane”.³⁵

Por outro lado é preciso não sucumbir à propaganda tucidideana de Heródoto, este possui sua propriedade metodológica e teleologias narrativas, e neste sentido cumpre o que se propõe, escrevendo uma história etnográfica, descritiva, aberta ao juízo do leitor-ouvinte.

São critérios diferentes: Heródoto expõe seus procedimentos, atitude recomendável de um ponto de vista moderno e revelador de um certo tipo de prudência preocupada em não soar autoritária. Ao mesmo tempo ele não expressa preocupação em estabelecer a melhor versão para determinado acontecimento, não se ocupa de encontrar uma versão única e coerente a ser reconhecida como a verdade, ele conta todas as versões disponíveis, ainda que não deixe de manifestar sua opinião: “quanto a mim, estas histórias não me convencem.”³⁶

Tucídides, ao contrário, tem a preocupação constante com a verdade, estabelecer versão mais correta possível é seu primeiro objetivo. Para Tucídides a verdade é produto do escrutínio das evidências, nem inata, nem pré-existente, nem transcendental, mas gestada em um processo rigoroso e metódico.³⁷

Tucídides tem a perspectiva de afirmação de um tipo de discurso — o contexto social da disciplina de história — uma disciplina incipiente, ainda carente de definições formais e ainda assim já exibindo discordâncias de método que, como já indicado, levam Tucídides inclusive a não usar jamais o termo herodoteano *historie*. Um discurso situado entre a ciência médica (também incipiente do ponto de vista do método), as práticas jurídicas (à época ambivalentes, misto de direito positivo-empírico e de saber tradicional) e a arte da persuasão. Mesmo sendo de difícil definição e não correspondendo muito ao que nós modernos projetamos nela, a historiografia possui entretanto indubitável débito com relação ao ambiente social e político da época.

Marshall diz que a “*Guerra do Peloponeso*” de Tucídides é testemunho de um contexto político e conceitual marcante, que subjaz ao discurso historiográfico, e se revela de várias maneiras, especialmente nas reflexões relativas ao método, à percepção e à interpretação dos dilemas políticos da cidade, bem como na conformação da linguagem e em certas seleções temáticas.³⁸

Segundo o mesmo autor, no mundo histórico de Tucídides dois caminhos se apresentam para a obtenção do conhecimento: o numinoso e o empírico. Pela via numinosa o conhecimento pode ser obtido pela interpelação dos recursos de natureza divina, como oráculos e profetas, ou através de uma relação particular com os deuses e o destino. Pela via empírica, o conhecimento é obtido pela hermenêutica dos sinais empíricos, através da investigação e interpretação dos indícios e provas.³⁹ Este caminho, muito mais complexo e laborioso, é o caminho de Tucídides.

A produção de saber através da interpretação de sinais empíricos requer a presença, ou seja, a presença assegura um grau de certeza aceitável e incomparável com o ouvir-dizer ou o transcendentalismo do mito. Tucídides desconfia da tradição e da memória pois compreende que o tempo se interpõe entre o historiador e o fato. A presença é condição essencial que permite o acesso a indícios e testemunhos e o historiador deve ver ou deve, pelo menos, ouvir diretamente de quem viu e, neste caso, cotejar depoimentos, o que não é tarefa fácil.

Coerente com este princípio, Tucídides escolheu trabalhar um evento contemporâneo, a Guerra do Peloponeso, o que dispensaria o recurso aos poetas ou a testemunhos pouco confiáveis.

O historiador deve inferir o passado a partir de indícios do presente, deve reunir certo número de evidências que o conduzam a uma história completa, inteligível e coerente, e que explique com clareza o que e como se passou. Para Tucídides, compreender as causas e os eventos principais do litígio entre peloponésios e atenienses impõe o recurso a procedimentos

³⁵ HERÓDOTO, VI, 57 e IX, 53.

³⁶ HERÓDOTO, IV, 105.

³⁷ BUTTI DE LIMA, Paulo. *L'inchiesta e la prova -immagine storiografica, pratica giuridica e retorica nella Grecia classica*. Torino: Einaudi, 1996.

³⁸ MARSHALL, Francisco. *Saber, Verdade e Poder na Tragédia Édipo Tirano, de Sófocles*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1996.

³⁹ MARSHALL, op. cit., pp. 215-217.

metódicos no trato com as notícias, que assegurem o acesso a informações fidedignas e a conseqüente formulação de juízos corretos sobre a história.⁴⁰

A guerra: identidade e mérito do objeto

A guerra na antigüidade helênica representava o estado normal na relação entre as cidades. Não constituía um domínio à parte, mas confundia-se com a vida comum do grupo; sobre isto, diz Vernant:

a guerra é a própria política e se identifica com a cidade porque o agente guerreiro coincide com o cidadão, manifesta-se como guerreiro ao mesmo tempo que é um agente político tendo poder de regular com o mesmo direito, os negócios comuns do grupo.(VERNANT, 1992: 42)

A guerra era uma vivência constante no século V a.C., lutou-se contra os persas, em defesa da cidade ou por sua hegemonia; neste período o mundo grego não teve experiência de paz duradoura.

Na Batalha de Salamina, em 480 a.C., a vitória de Atenas no mar decidiu a guerra contra o invasor bárbaro, a partir deste momento, a história da Grécia se confunde com o desenvolvimento do poder marítimo de Atenas.

Para manter os persas, vencidos mas não dizimados, afastados do Egeu, organizou-se uma coligação, a Liga de Delos, que iniciou como confederação e, progressivamente, à medida que Atenas não permitia que os aliados dela se retirassem, passou a se configurar como o império marítimo ateniense; a transferência da sede da Liga e do tesouro, de Delos para Atenas, simboliza esta mudança⁴¹. A história desta transformação é a história dos cinquenta anos de lutas que Atenas travou pela hegemonia, defrontando-se constantemente com Esparta.

O tratado de paz dos Trinta Anos, firmado em 450 a.C. depois de algumas lutas, dividia a hegemonia terrestre e marítima entre Esparta e Atenas, respectivamente, e foi uma tentativa de neutralizar os antagonismos. Apesar do tratado, as relações entre Atenas e Esparta agravaram-se e chegaram à guerra desencadeada por incidentes envolvendo Córçira e Potidéia.

Diz Tucídides *“a causa mais verdadeira embora menos declarada é, penso eu, que os atenienses, tornando-se poderosos, inspiraram temor aos lacedemônios e os forçaram a lutar,”*⁴²; a guerra iniciou em 431 a.C. e se prolongou até 404 a.C..

Moses I. Finley diz que as guerras eram geralmente lutas de curta duração, na época de estio, culminando num encontro de infantaria. Estas guerras não requeriam muita logística, em tudo ao contrário da Guerra do Peloponeso, *“uma guerra quase sem precedentes, em todos os aspectos: no número de participantes (estados e homens), na sua duração e, por conseguinte no consumo de recursos e na pressão sobre o moral.”* (FINLEY, 1988: 58)

O autor

É uma percepção consensual e tradicional na historiografia clássica a de que Atenas, à época de Tucídides, democrática e imperialista, próspera e brilhante, vivia seu apogeu econômico, sócio-político, artístico e cultural, governada pelo povo mas conduzida efetivamente por Péricles.

Na época de Tucídides uma linha considerável de filósofos desafiava toda a estrutura mítica e desenvolvia sistemas novos e mais avançados de metafísica e ética, em bases intencionalmente racionais. O impulso para escrever história surgiu da situação política e

⁴⁰ MARSHALL, op. cit., p. 246.

⁴¹ FINLEY, M.I. Os Gregos Antigos, Lisboa, Edições 79, 1988, pp. 52-54.

⁴² TUCÍDIDES I, 23.

cultural da Grécia no século V a.C., favorável a novas compreensões do passado que o redimensionassem às revolucionárias experiências do presente.⁴³

Tucídides nasceu em 460 a.C., de uma família aristocrática que, pelas indicações, possuía minas de ouro na Trácia. Provavelmente prestou serviço junto às forças atenienses nos primeiros anos da Guerra do Peloponeso. Em 424 a.C., foi eleito estrategista, encarregado do comando da esquadra do Norte do Egeu, o general espartano Brasidas se apoderou de surpresa de Anfípolis antes que Tucídides pudesse intervir. Condenado pelos atenienses, exilou-se e viveu longe de Atenas até o fim da guerra, possivelmente na Trácia.⁴⁴

De 431 a 424 a.C., Tucídides assistiu a debates, assembléias e operações militares relacionados à vida da cidade e à guerra então em curso. Acompanhou os estragos provocados, em Atenas, pela guerra e pela peste. Testemunha pessoal, ou informado pelo ambiente em que vivia, pôde registrar todos os detalhes desde o começo das hostilidades.

Tucídides, efetivamente, relata que começou a tomar notas desde o começo das hostilidades, daí a gênese da obra⁴⁵. O resultado final, no entanto, nada tem de um diário, é uma obra acabada, um texto retocado e complexo, organizado segundo um plano geral, o que reforça a proposição de Veyne quanto ao caráter subreptício das operações metodológicas tucídideanas, ao mesmo tempo em que ratifica a percepção já indicada de Murari, pois além do presumível trabalho inaparente do método, há uma evidente apresentação de dificuldades metodológicas insuperáveis cuja superação ostensiva é mesmo condição de viabilidade da obra proposta.

Quando a guerra começa, em 431 a.C., Atenas está no auge de seu poder. Péricles, no primeiro discurso que Tucídides lhe atribui⁴⁶, incita a cidade a rejeitar o ultimato espartano e destaca sua superioridade. Ao contrário do que ele previa, a guerra iria revelar-se longa e assassina e estender-se rapidamente, através do jogo de alianças, a todo o Egeu e ao Ocidente, em particular à Sicília.

Distinguem-se, geralmente, no conflito, dois períodos separados por uma trégua de alguns anos. De 431 a 421 a.C., atenienses e aliados, de um lado, e espartanos e aliados, de outro, confrontaram-se em diferentes campos de batalha sem que nenhuma decisão se impusesse. O esgotamento geral levou os adversários a concluírem a paz, em 421 a.C., sobre a base do *status quo*. A iniciativa de retomada das hostilidades partiu de Atenas em 415 a.C., com o envio de uma expedição à Sicília, votada em assembléia descrita detalhadamente por Tucídides.⁴⁷

Rompida a trégua na Sicília, a guerra foi retomada também no Egeu. Apesar de alguns sucessos efêmeros, esta segunda parte da guerra foi desastrosa para Atenas: seu território invadido, Deceléia ocupada pelos invasores, sua hegemonia marítima contestada por Esparta. O fim da guerra foi descrito por Xenofonte: no verão de 405 a.C., a frota espartana, comandada por Lisandro, submeteu a frota ateniense em Egos-Pótamos. Era o fim do domínio ateniense sobre o Egeu. Em 404 a.C., os espartanos entraram no Pireu. No final da guerra, Atenas não era só uma Cidade-Estado vencida, era uma Cidade-Estado arrasada⁴⁸. Esta guerra teve conseqüências terríveis para Atenas, diz Claude Mossé que a derrota na guerra colocou em questão a democracia, foi o começo do fim da *politéia* ateniense.⁴⁹

Tucídides assistiu, mas não viveu para escrever o final da guerra. Sua "História" se interrompe bruscamente em 411 a.C. Seu "editor póstumo" foi Xenofonte que, possivelmente, usou suas anotações nos primeiros capítulos das *Helênicas*.

O Livro VII, que trata da campanha da Sicília é geralmente descrito como o melhor de Tucídides. De fato, as páginas em que ele relata a derrota e a retirada da Sicília com o corpo expedicionário ateniense dizimado, atenienses e aliados mortos ou feitos prisioneiros são emocionantes e pungentes.

⁴³ MEIER, Christian. *Introduction à l'antropologie politique de l'antiquité classique*. Paris, P.U.F., 1984.

⁴⁴ ROUSSEL, D., *Los historiadores griegos*. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 1973, pp. 77-108.

⁴⁵ TUCÍDIDES, I, 1, 1.

⁴⁶ TUCÍDIDES, II, 13.

⁴⁷ TUCÍDIDES, VI, 8-26.

⁴⁸ MOSSÉ, Claude. *O Processo de Sócrates*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990, pp. 18-23.

⁴⁹ Idem *ibidem*, p. 145.

Quando pareceu a Nícias e Demóstenes que os preparativos cabíveis haviam sido feitos, o exército finalmente partiu, no terceiro dia após a batalha naval. Era terrível, não somente como um aspecto isolado dos acontecimentos, mas de um modo geral, que os atenienses estivessem partindo assim, após perderem todas as suas naus, num momento em que em lugar de grandes esperanças só havia perigo para si mesmos e para a sua cidade; o simples abandono de seu acampamento trazia aos olhos e ao espírito de cada um dolorosas impressões; os cadáveres ainda estavam insepultos, e quando alguém via algum amigo morto era dominado por um forte sentimento de comiseração e medo. Os feridos ou doentes deixados no local despertavam nos sobreviventes compaixão ainda maior do que os mortos, e mais do que estes eram dignos de piedade; com efeito, com suas súplicas e lamentos eles provocavam o desespero entre os que partiam, implorando-lhes que os levassem consigo e chamando aos gritos cada companheiro ou parente que viam, agarrando-se aos seus camaradas de barraca em retirada e seguindo assim até onde podiam; quando se extinguía a resistência física de uns ou de outros, eram abandonados, não sem um último apelo aos deuses e muitas lamentações; todos os soldados chorando desesperadamente, achavam difícil partir, mesmo para sair de uma terra hostil, apesar de já terem suportado tantos sofrimentos, e de temerem em seu íntimo ainda outros que teriam de enfrentar no futuro, grandes demais para as lágrimas. (VII, 75)⁵⁰

A forma como Tucídides descreve os desastrosos resultados da expedição à Sicília vai de encontro a sua propalada frieza e desmente a austeridade pela qual é conhecido. Aqui, como se pode perceber, Tucídides não é, de modo algum, indiferente, não se distancia de seu relato, mas valoriza intensamente seu caráter pungente.

Tucídides professou reiteradamente não ter relatado apenas exatamente o que aconteceu, mas também o que poderia ter acontecido em consonância com a natureza humana, ou o que foi possível compreender face às eventualmente inseguras fontes de informação. Em relação aos discursos Tucídides declara:

reproduzir-lhes as palavras exatamente era difícil, para mim quando os ouvira pessoalmente, para os outros quando me transmitiam o que tinham ouvido de qualquer outra fonte; como me parecia que cada orador teria falado o que cabia sobre as situações sucessivas, atendo-me o mais próximo possível das palavras realmente pronunciadas, assim vão formulados.⁵¹

Em relação às ações praticadas na guerra, informa:

decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível.⁵²

Deixando “entrever a medida de especulação e de raciocínio hipotético que seu trabalho de historiador poderia compreender”⁵³, além das manobras retóricas que visam valorizar seu método⁵⁴ esta passagem nos permite perceber que a intenção metodológica de Tucídides é realmente de constituir e assegurar a seu discurso um domínio metodológico de objetividade.

Lendo Tucídides

O próêmio de Tucídides, além da analogia com os próêmios épicos de que se falou brevemente acima, traz elementos do projeto de história e verdades supostas que ele explicita nos capítulos seguintes da Guerra do Peloponeso.

⁵⁰ TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

⁵¹ TUCÍDIDES, I, 22, 1.

⁵² TUCÍDIDES, I, 22, 2-3.

⁵³ MARSHALL, op.cit. pp. 5-6.

⁵⁴ PIRES, Francisco Murari. *A Retórica do Método*, op. cit..

Diferentemente dos proêmios épicos em que o sujeito é a Musa, o sujeito da “Guerra do Peloponeso” é Tucídides, as primeiras palavras do primeiro parágrafo são “*Tucídides de Atenas escreveu*”, o que deixa evidente o projeto de afirmação de uma *episteme* humana, pois declarando-se autor, Tucídides distancia-se da Musa, a autoridade que sustenta o relato é a sua própria. A mudança de sujeito inaugura um novo tipo de discurso e de saber “cuja verdade é constituída por atos cujo sujeito é o nome do cidadão”.⁵⁵

De Atenas, acrescenta Tucídides após seu nome e, com este patronímico estabelece sua identidade, situando-se no contexto da cidade: um sujeito político tratando de um objeto político.

O primeiro parágrafo do proêmio prossegue especificando seu objeto: “escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses como a fizeram uns contra os outros.” Já se falou sobre o papel da escrita como garante de objetividade, a “Guerra do Peloponeso” não é a narrativa de um logógrafo, é um discurso gráfico passível do exame objetivo que a escrita supõe.

Estabelecido seu objeto, Tucídides assegura ter “começado a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas,” – Tucídides diz que começou do princípio; o que pretende aqui, além de valorizar a qualidade e a extensão das informações disponíveis para ele, é se apresentar como autoridade em percepção política, pela precocidade com que deu-se conta da importância da guerra que então principiava. Há, entretanto, entre os estudiosos, especulação em relação a uma possível escrita retroativa do proêmio, que teria sido escrito à luz de acontecimentos posteriores.

As opiniões divergem⁵⁶ sobre o modo como Tucídides escreveu sua narrativa, alguns comentadores dizem que ele o fez conforme os eventos se sucediam, teria escrito a história dos 10 primeiros anos da guerra (interrompida pela paz de Nícias) achando que tinha acabado; quando a guerra reiniciou, 7 anos depois, no Livro V ele teria retomado a narrativa com uma nova introdução.

Outros autores dizem que ele obviamente trabalhou de forma retroativa, rescrevendo muitas vezes seu texto, voltando e retocando o já escrito. Argumentam que algumas partes do Livro I só poderiam ter sido escritas a luz dos acontecimentos posteriores: com olhos que já viram a cidade vencida, assim a oração fúnebre de Péricles só poderia ter sido escrita à luz da derrota.

John Finley Jr. afirma que a *Guerra do Peloponeso* foi inteiramente escrita após a queda de Atenas em 404, diz Proctor⁵⁷, mas o consenso moderno é de que Tucídides escreveu sua obra ao longo dos 30 anos transcorridos do início do conflito até sua morte.

A tarefa de Tucídides historiador é apurar e compreender os eventos que deram causa à “Guerra do Peloponeso” e o confronto em si, para isso deve se valer de procedimentos metódicos que lhe permitam inferir os acontecimentos através de indícios.

Prospectando a “metodologia” de Tucídides em busca de palavras-chave que designem operações mentais relativas ao processo de obtenção da verdade, encontramos termos que definem modos específicos de investigação, entre outros, *tekmairestai* (inferir por indícios), *skopeín* (examinar indícios) e *zetein* (investigar), linguagem técnica crucial para Tucídides porque diretamente relaciona a seu método de investigação.⁵⁸

Tekmairestai, inferir a partir de evidências, é a operação própria do discurso histórico que infere coisas antigas a partir de dados presentes, uma inferência necessária: “*the indisputable conclusion to be drawn from the premisses of silogism.*”⁵⁹ *Zetein* (investigar), de grande importância no contexto do espírito científico e técnico do século V, diz Knox⁶⁰, é um termo preferencial das pesquisas e investigações filosóficas, técnicas e científicas. *Skopeín* é o

⁵⁵ TORRANO, J. *O sentido de Zeus*. São Paulo: RK Editores, 1988, p. 155.

⁵⁶ SHOTWELL, James. *História de la historia en el mundo antiguo*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1982, p. 213 ss..

⁵⁷ PROCTOR, op.cit., p.8.

⁵⁸ MARSHALL, op. cit., pp. 244-252.

⁵⁹ GOMME, op.cit., pp. 135.

⁶⁰ KNOX apud MARSHALL, op.cit., p. 249.

verbo próprio do exame acurado que deve interpretar as informações e situações que se apresentam durante a investigação, designa os atos investigadores que deverão apurar a verdade.

Chama a atenção a ausência da palavra “*historein*”, (investigar/inferir), da qual Tucídides não faz uso nenhuma vez apesar deste termo integrar o vocabulário cientificista corrente no século V a.C.⁶¹. Heródoto, desde o prólogo de sua obra, utiliza este vocábulo como designativo de sua ação investigativa; Tucídides, assim como nunca se refere explicitamente a Heródoto, evita deliberadamente fazer uso de uma palavra tão pesadamente associada a ele.

Não está explícito na “Guerra do Peloponeso” o que Tucídides pensava da história, porque era importante escrever uma narrativa rigorosa da guerra ou porque esta narrativa seria um bem para sempre, estas questões não eram de forma alguma óbvias em sua época, a escrita da história mal iniciava.⁶²

Sentenciar o autor, Tucídides, a partir da obra, “Guerra do Peloponeso”, pode levar a embaraços e contradições. Muitos intérpretes têm enfrentado a dificuldade de conciliar a imagem de um autor que tem paixão pelo pormenor e ao mesmo tempo tem lacunas surpreendentes; M. I. Finley, nesta linha, descreve Tucídides como sendo destituído de humor, pessimista, céptico, altamente inteligente, superficialmente frio e reservado com fortes tensões íntimas que irrompiam ocasionalmente em selvagens comentários contundentes.⁶³

Tucídides era contemporâneo, até participante, dos eventos que narrava e impôs-se um padrão de rigor que se revelava bastante extraordinário no século V a.C. Tucídides consolidou outro passo extraordinário de seu tempo, ao desenvolver todo seu trabalho a partir do pressuposto de que a história humana era um assunto humano suscetível de análise e compreensão inteiramente em termos de padrões e de comportamentos humanos sem intervenção do sobrenatural — os escritos hipocráticos apresentam paralelos evidentes, percebidos também em vários princípios da sofística clássica.⁶⁴

Não deixa de ser paradoxal que Tucídides tenha sido exaltado, pelo século XIX, como grande historiador. Paradoxal porque Tucídides, para quem só a história do presente poderia ser feita, se tornou um modelo para homens para os quais não havia história senão a do passado.

ABSTRACT: This article is about the process of Tucídides' writings, his history conception, the metodologyc resources used and the principles that guide the narrative of an event contemporary to him: The Peloponisian War. Based in several autors, and in Tucídides himself, it approuched the investigation ways used with metodologic similarity to the investigative practices, empirical and racionalist of medicine and forensics practice.

KEY-WORDS: Historyography Greek – Tucídides – Peloponisian War

⁶¹ Idem Ibidem, p. 246.

⁶² FINLEY, M.I. *Aspectos da Antigüidade*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 58.

⁶³ Idem ibidem, p. 55-6.

⁶⁴ GUTHRIE, W.K.C., *Historia de la Filosofia Griega* (vol. III), Madrid, Ed. Gredos, 1988.